

TENDÊNCIAS DA PSICOLOGIA SOCIAL NO BRASIL

Antônio Ribeiro de Almeida
Depto. Psicologia — U. F. Uberlândia (MG)

Após uma visão histórica do desenvolvimento da Psicologia Social no Brasil, de 1930 a 1980, o autor aponta as suas atuais tendências e principais problemas. Há uma tendência científica, de inspiração positivista, que trabalha com medidas, controle de variáveis etc.; há uma tendência política, que se inspira no marxismo e que tenta uma transformação social, e há uma tendência influenciada pelo behaviorismo. O autor chama a atenção para os limites da formação profissional nesta área, e para a necessidade de aprimorar a pesquisa científica e a capacidade de raciocínio dialético em vista de superar as deficiências da formação de psicólogos sociais.

Beginning with a historical approach of the development of Social Psychology in Brazil, from 1930 to 1980, the author shows its present tendencies and main problems. There is a scientific tendency influenced by Positivism, which works with measurement, control of variables etc.; there is a political tendency, inspired on Marxism, which engages in social transformation, and there is a Behaviourist tendency. The author points out the weakness of the professional formation in this area, the necessity of improving scientific research, and dialectical reasoning in order to solve the problems of the formation of social psychologists.

Introdução

Para se compreender as tendências da Psicologia Social no Brasil será considerada sua origem remota, quando ainda não se distinguira da Sociologia; sua origem como Psicologia Social na década de 30 e sua institucionalização na universidade nos anos 40, caminhando para as tendên-

cias que dominaram a década de 70 e ainda se estendem até o final dos 80.

Pretendo mostrar o quão na sua origem sociológica ela foi predominantemente positivista com objetivos de mudar a sociedade — o que se repete hoje na sua versão marxista —; o quão foi e tem sido empírico-científica, com o ideal de se constituir numa ciência, e como a partir dos anos 70 passou a sofrer uma forte influência do materialismo dialético marxista que se desenvolveu na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Nesses diversos momentos históricos a Psicologia Social sempre oscilou entre uma análise microscópica da realidade ou macroscópica, sem ter conseguido integrar os dois níveis de análise. Infelizmente, como em outras divisões da Psicologia, não se chegou aqui a se constituir uma Psicologia Social brasileira, se por brasileira se entende o aparecimento de uma teoria psicossocial que compreendesse o homem brasileiro. A nossa Psicologia Social sempre esteve caudatária do que se fez na França, nos Estados Unidos e na Alemanha. Colocado o tema como pretendo desenvolvê-lo considero, primeiro, o que chamei a origem remota da Psicologia Social brasileira.

Origem remota da Psicologia Social no Brasil

Na sua origem, a Psicologia Social não se distingue do aparecimento dos estudos de sociologia em nosso país por volta de 1850. A sociologia brasileira foi impulsionada pelo próprio Augusto Comte, mas, desde logo se constituiu em mais do que se propunha, isto é, na explicação dos fenômenos sociais subordinados a leis necessárias como os fenômenos físico-químicos. Com Miguel Lemos (1854-1917) e Teixeira Mendes (1855-1917) essa sociologia comtista passou a ser uma "doutrina regeneradora". Nunca é demais lembrar que A. Comte, segundo Allport,¹ pretendia escrever, após o seu *Système de Politique Positive*, o *Le Système de Morale Positive*, que fundaria uma ciência final e de integração de todas as outras, a Psicologia Social. No Brasil, o pensamento comtiano penetrou bem cedo e atingiu tanto a elite militar como a universitária. Um dos seus traços dominantes é o de uma nítida preocupação com os problemas sociais. Franca² informa que em 1865 Francisco Antônio Brandão, maranhense, publicara em Bruxelas um opúsculo intitulado A

1. Cf. G.W. Allport, "The Historical Background of Modern Social Psychology", in G. Lindzey; E. Aronson, *The Handbook of Social Psychology*, Addison-Wesley, 1968, vol. 1, cap. 1.

2. L. Franca, *Noções de História da Filosofia*, 18ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1965.

escravidão no Brasil, de inspiração positivista. Mas foi somente em 1876 que o positivismo se mostrou forte no Brasil-Sul com Benjamin Constant fundando, no Rio de Janeiro, a Sociedade Positivista. Durante vários anos aquela sociedade foi ponto de encontro obrigatório de militares da Escola de Guerra e Engenheiros da Politécnica. Dezenas de ilustres brasileiros, sobretudo os homens que guiaram a Primeira República até Vargas, inclusive, receberam uma forte formação positivista. Já é lugar-comum se dizer que aos positivistas devemos o lema da nossa bandeira, o círculo com estrelas etc. Se o positivismo encaminhou-se para ser mais uma religião do que uma filosofia, como escreve Cruz Costa, é isto uma outra história. Mas a ação social dos positivistas foi, isto se reconheça, bastante revolucionária para a época. Um exemplo disto é o projeto de Teixeira Mendes sobre a abolição da escravatura e cujos oito pontos eram os seguintes:

1. Supressão imediata do regime escravagista;
2. Adstrição ao solo do ex-trabalhador escravo, sob a direção dos seus respectivos chefes atuais;
3. Supressão conseqüente de todos os castigos corporais e de toda legislação especial;
4. Constituição de um regime moral pela adoção sistemática da monogamia;
5. Supressão conseqüente do regime de aquartelamento, pela generalização da vida de família;
6. Determinação do número de horas de trabalho cotidiano, designado o sétimo dia ao descanso, sem restrições;
7. Criação de escolas de instrução primária, mantidas nos centros agrícolas a expensas dos grandes proprietários rurais;
8. Dedução de uma parte dos lucros para o estabelecimento de um salário razoável.³

O mesmo Teixeira Mendes tomara posições sociais mais radicais ao se referir à relação trabalho-capital dizendo textualmente que "o produtor do capital humano, de modo algum poderá confundir-se com o produto do seu trabalho, isto é, de sua ação real e útil sobre o mundo exterior. É mister, pois, libertá-lo e contra essa necessidade de libertação não podem, de maneira nenhuma, prevalecer considerações que derivem de alegações de ruína possível de um punhado de escravocratas".⁴

Não considero de todo eliminada a influência positivista sobre o pensamento social brasileiro, ainda que pese em contrário a opinião respeitável de Leonel Franca.⁵ Seria, aliás, uma curiosa

3. C. Costa, *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967, p. 162.

4. Id. *Ibid.*, p. 161.

5. *Op. cit.*, nota 2.

tese de filosofia social a de descobrir a possível influência do positivismo sobre os homens responsáveis pela Revolução de 1964. Considero, portanto, que na formação da consciência social do psicólogo social brasileiro é fundamental um estudo sério do positivismo. Espero ter mostrado a relevância de se fazer esse estudo que poderá ser muito bem conduzido com a consulta das obras de Ivan Lins, Cruz Costa, João Camilo de Oliveira Torres e dos próprios positivistas.

Após esses estudos, o psicólogo social brasileiro poderá se dedicar à análise das obras de Alberto Torres (1865-1917) e Oliveira Viana. O estudo do primeiro se faz imprescindível para que o estudante melhor compreenda o que hoje se chama de "pensamento autoritário" e que se desenvolveu, segundo Oliveira (1976) a partir das teses propostas por A. Torres. Ele é um dos fundadores da ideologia que orientou a Escola Superior de Guerra e que uniu os militares da década dos 60 em torno de uma série de princípios relativos ao povo brasileiro, sua capacidade de se autogovernar, a doutrina de segurança nacional etc.

Oliveira Viana foi o primeiro brasileiro que escreveu, em 1921, um livro que recebeu o título *Pequenos Estudos de Psicologia Social*. O que era a Psicologia Social para Viana é uma questão sobre a qual só posso especular por intermédio de outro texto desse autor. Na edição de 1933 de *Populações Meridionais do Brasil* ele reconhece a existência de "um grupo de ciências novas" e, entre essas menciona a "psicologia coletiva dos Les Bons, dos Sigheles e, principalmente dos Tardes". Mas para ele a função dessa psicologia é auxiliar o historiador na análise dos eventos. Viana não poderia considerar, na década de 20, a Psicologia Social como uma ciência autônoma, o que, diga-se de passagem, não é, até hoje, um ponto sem discussão. Mas o estudo de Oliveira Viana é obrigatório para o psicólogo social brasileiro, pois além de ter sido o primeiro autor a escrever um texto de Psicologia Social ele auxilia na compreensão do Brasil após 1964.

Origem próxima da Psicologia Social no Brasil

A origem próxima da Psicologia Social no Brasil localiza-se nos trabalhos de Raul Briquet e Arthur Ramos, compreendendo o período que se estende de 1933 até 1945. A contribuição desses dois autores pode ser melhor compreendida nos seus manuais de Psicologia Social.

Raul Briquet informa no prefácio de seu *Psicologia Social*, editado em 1935, que lecionou um curso de Psicologia Social no segundo semestre de 1933 na extinta Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. As lições que ministrou naquele ano no que foi, certamente, o primeiro curso de Psicologia Social dado em nosso país, serviram de matéria do seu livro que parece não ter passado de uma única e reduzida edição. Briquet possuía como formação básica a medicina, como também Arthur Ramos, e para ele a Psicologia Social “estuda os aspectos sociais da vida mental... e ao lado da biologia social, da antropologia social e da história constitui as bases da sociologia”, não constituindo, portanto, uma ciência autônoma. À Psicologia Social atribui o papel de “evidenciar a importância dos fatores psíquicos na interpretação do comportamento dos indivíduos”.⁶ Seu manual é dividido em duas partes: geral e especial. Na parte geral cuida de apresentar os subsídios que a biologia teria a dar à Psicologia Social; os subsídios da própria psicologia — quando faz uma sucinta apresentação do *behaviorismo*, da *gestalt*, da aprendizagem, e, finalmente, os subsídios da sociologia. Na parte especial, Briquet expõe os fatores psíquicos responsáveis pelo comportamento social e que seriam hoje classificados na linguagem de Allport como princípios gerais e unitários para explicar o comportamento social.

Na segunda parte discorre sobre os problemas dos grupos sociais, do eu social, da adaptação social, do preconceito racial, da liderança, da opinião pública, da multidão, e encerra o livro com um capítulo sobre revolução social. Nota-se em Briquet uma preocupação em enunciar *leis* do comportamento como ainda de classificar tipos e situações sociais. O seu estilo é, contudo, pesado, quase de difícil leitura. No que se refere à estrutura do livro ela não é das melhores, mesmo para a época. Mas existem aspectos muito positivos no trabalho de Briquet, e, entre esses, são de notar os seguintes: a) referências bibliográficas atualizadas, desde que cita livros de Psicologia Social que haviam sido editados em 1933 e 1934, mostrando, portanto, estar em dia com a literatura da época; b) domínio da língua alemã, pois a obra de Kohler, *Zum Gestaltheorie*, é citada no original; c) acompanhar o que se publicava no país, pois cita, entre outros, Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Álvaro de Faria, Miguel Couto e Roquete Pinto. Vivendo num momento histórico de exaltação racista que valorizava na Alemanha de Hitler a raça ariana e, em nosso meio, levantava barreiras para a imigração japonesa, Briquet argumenta contra a falácia científica das teses racistas criticando Louis Agassiz, que havia no seu *A Journey in Brazil*,

6. R. Briquet, *Psicologia Social*, São Paulo, Francisco Alves, 1935, p. 2.

considerado os nossos mestiços e mulatos inferiores aos brancos. Briquet termina o seu manual com um capítulo sobre a revolução e o direito que tem um povo de fazê-la contra um governo iníquo buscando para apoiar esta posição a opinião de J. F. Lisboa. Dotado de uma cultura clássica e científica, Briquet ilustrava fenômenos sociais que tanto haviam ocorrido na antigüidade romana como na atualidade.

Arthur Ramos (1903-1949), médico de formação, ministrou, de julho a dezembro de 1935 na Escola de Economia e Direito da extinta Universidade do Distrito Federal, o segundo curso de Psicologia Social em nosso país. Em 1916 é publicada no Rio de Janeiro a *Introdução à Psicologia Social* que chegou à terceira edição em 1952. O estilo de Ramos é agradável, de fácil leitura, variado e rico. Ele já conhecia, no original alemão, o trabalho publicado por Kurt Lewin até aquela época. Como Briquet, sua bibliografia é atualizada. A estrutura do livro é quase perfeita, havendo um encadeamento lógico entre os capítulos, e chega a ser tão boa como a estrutura dos manuais norte-americanos que apareceram nas décadas de 50 e 60. Se conhece Lewin e a *Gestalt-theorie* revela, contudo, uma especial predileção para analisar o comportamento social dentro de um modelo psicanalítico. Freud é referenciado no original, como também Jung, Paul Schilder, Alfred Adler e outros pais da psicanálise. Sua posição com relação à autonomia da Psicologia Social é bastante semelhante à de Briquet, senão vejamos: após considerá-la uma disciplina recente — o que dificultaria, segundo ele, a delimitação dos seus objetivos — coloca-a numa "terra de ninguém" entre a psicologia e a sociologia. Revê as diferentes posições de outros autores sobre o problema concluindo que à Psicologia Social caberia estudar três ordens de fenômenos: a) as bases psicológicas do comportamento social; b) as inter-relações psicológicas dos indivíduos na vida social e, neste caso seria uma interpsicologia no sentido de Tarde; c) a influência total dos grupos sobre a personalidade, quando seria uma sociologia psicológica e uma psicologia cultural. Ramos não se dedicou exclusivamente ao estudo da Psicologia Social e seus interesses, segundo Leite,⁷ deslocaram-se para a área da antropologia e a pesquisa das manifestações religiosas do negro. Mas a sua *Introdução* ofereceu a várias gerações de estudantes uma síntese correta das grandes linhas teóricas que orientam a Psicologia Social até hoje. Com Arthur Ramos encerra-se a fase de origem próxima da Psicologia Social no Brasil. O período que se segue, denominado de institucionalização da Psicologia Social na universidade, inicia-se em 1945 com a vinda de Otto Klineberg para o Brasil.

7. D. M. Leite, *O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma Ideologia*, 4ª ed. definitiva, São Paulo, Pioneira, 1983.

Institucionalização da Psicologia Social na Universidade

Otto Klineberg participa da história da Psicologia Social brasileira a partir do momento em que assumiu, no período de 1945 a 1947, a cátedra de psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Sua atividade docente foi, contudo, bastante diversificada. Organizou um manual de psicologia, *A Psicologia Moderna*, que na época teve o grande mérito de oferecer aos estudantes um resumo dos principais desenvolvimentos dos vários campos da psicologia. Como editor desse manual, Klineberg contou com a colaboração de vários psicólogos brasileiros, tais como: Durval Marcondes, Betti Katzenstein, Aniela Ginsberg, Anita Cabral, Virgínia Leone Bicudo, Paulo Sawaya, Osvaldo de Barros Santos, Lourenço Filho, Cícero Cristiano de Souza, e o próprio Otto Klineberg, que escreveu o capítulo referente à Psicologia Social. No Brasil, Klineberg pode ainda rever o seu *Psicologia Social* que fora publicado nos Estados Unidos pela Holt em 1940. Aquele manual foi traduzido para o português e publicado em dois volumes, sendo a primeira edição de 1959 e a segunda de 1963. Foi sem dúvida nesse manual que estudaram as primeiras gerações de psicólogos brasileiros. É possível também que Otto Klineberg tenha influenciado um jovem estudante da época, Dante Moreira Leite, para que se dedicasse ao estudo do problema do caráter nacional. Mota⁸ relata que Leite teve a idéia da sua tese de Doutorado por volta de 1948. Constatei, por outro lado, que foi justamente naquele ano que apareceu no número 1 da *Revue de Psychologie des Peuples* um artigo de Klineberg intitulado "Psychologie et caractère national". É possível que Leite tenha lido aquele artigo ou tido, em conversas com Klineberg, sua atenção voltada para o problema do caráter nacional que preocupava o mestre desde 1944. A partir da década de 40 a Psicologia Social tem recebido, na Universidade de São Paulo, a influência de Otto Klineberg que em 1977 ali retornou para ministrar outro curso.

Dante Moreira Leite (1927-1976) desenvolveu, na Universidade de São Paulo, um intenso trabalho para a criação do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, tendo a morte o surpreendido no momento em que dirigia o Instituto de Psicologia daquela instituição. Sua contribuição fundamental para a Psicologia Social acha-se na sua tese de doutorado *Caráter Nacional Brasileiro: História de uma Ideologia*, que não chegou a ser publicada. Somente na década de 70 a relevância social do trabalho de Leite foi reconhecida por um público mais amplo,

8. C. G. Mota, *Ideologia da Cultura Brasileira: Pontos de Partida para uma Revisão Histórica*, 2ª ed., São Paulo, Ática, 1977.

isto é, de não-psicólogos. Mota, por exemplo, coloca Leite como um ideólogo da cultura brasileira, ao lado de um Sérgio Buarque de Holanda, Antônio Cândido e outros. Ao estudar o problema do caráter nacional, Leite reviu e criticou praticamente toda a literatura que havia sido publicada até então. Nessas diversas doutrinas do caráter nacional brasileiro ele vê “um obstáculo no processo pelo qual uma nação surge entre outras, ou pelo qual um povo livre surge na história”.⁹ Mas o que não indicou na sua tese, e que está ainda para ser feito, é um estudo dos meios que podem ser usados para modificar esse quadro. As diversas doutrinas do caráter nacional, que diga-se de passagem ainda dominam diferentes segmentos da população brasileira, são de difícil extirpação. Uma tarefa que pode caber ao psicólogo social brasileiro é o da investigação de como essas doutrinas permanecem no povo e como orientam o comportamento social. Uma ou mais teses desenvolvidas nesta direção seriam de bastante oportunidade e ainda uma justa homenagem à memória de Dante Moreira Leite. Cabe ainda ressaltar o trabalho que Leite realizou no campo da tradução. Ele foi um tradutor infatigável de textos de psicologia em geral e de Psicologia Social em particular. Graças ao seu trabalho os estudantes brasileiros podem ler, no vernáculo, textos de um Fritz Heider, de um Salomon Asch entre outros.

9. Id. *ibid.*, p. 365.

Arrigo Leonardo Angelini tem realizado, no Instituto de Psicologia da USP, um trabalho internacionalmente reconhecido na área da teoria da realização de McClelland e Atkinson. Na sua tese para a cátedra da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, publicada em livro sob o título de *Motivação Humana: o Motivo da Realização*, Angelini propõe um método projetivo para o estudo de motivo de realização. O seu MPAM — Método Projetivo de Avaliação do Motivo de Realização — tem a grande vantagem de ter sido criado para a nossa população, aqui padronizado e servir para mensuração daquele motivo em crianças, adolescentes e adultos. Com parcimônia, Angelini estuda e contribui para o desenvolvimento da teoria da realização sem, contudo, acompanhar McClelland nas suas ambiciosas projeções sobre a possibilidade de que aquele motivo seja completamente suficiente e necessário para explicar o progresso das nações.¹⁰ A pesquisa experimental que Angelini tem realizado no Brasil, com a contribuição de colaboradores, tem mostrado, de um lado a generalidade da teoria e que diferentes graus de motivo de realização existem em sujeitos do nordeste e do sul do nosso país.

10. Cf. D. McClelland, *The Achieving Society*, 1961.

Ainda na USP há de se destacar o trabalho que vem sendo realizado por Arno Engelmann na área de psicologia da linguagem ou, mais especificamente, o relato de estados subjetivos

onde se entrelaçam a psicologia da personalidade e a Psicologia Social. Para este problema Engelmann fez um exaustivo estudo dos tipos de escalas que usaria, sendo o seu livro *Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais*, publicado em 1978, um exemplo de aplicação crítica de escalas tipo diferencial semântico.

No Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da USP cabe ressaltar o trabalho que vem sendo realizado por Ecléa Bosi na área de comunicação de massa. Sua tese de doutoramento, *Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias*, volta-se para o estudo dos hábitos de leituras de operárias paulistas. Bosi realizou um trabalho que constitui um bom exemplo do que propomos, isto é, de se estudar a realidade brasileira.

Aroldo Rodrigues, Mestre pela Universidade de Kansas e Ph.D. pela Universidade da Califórnia (UCLA) tem realizado um trabalho intenso pelo desenvolvimento da Psicologia Social no Brasil. Sua orientação teórica é cognitivista tendo estudado com Fritz Heider. Foi em 1966 que defendeu a sua tese de Ph.D.: *The Psychologic of Interpersonal Relations* (não publicada), tendo regressado ao país em 1967 e assumido a chefia do Departamento de Psicologia da PUC. Rodrigues recebeu nos seus anos de formação acadêmica a influência de Antonius Benko, jesuíta e psicólogo, que pode, possivelmente, tê-lo encaminhado para uma concepção humanista do homem e da sociedade. No seu *Psicologia Social*, Rodrigues considera, ao contrário de Briquet e Ramos, que a Psicologia Social é uma ciência autônoma e analisa suas relações com outras ciências sociais. Para distinguir a Psicologia Social da sociologia, Rodrigues mostra que as duas ciências, embora tenham muitas áreas comuns de estudo, como, por exemplo, atitude, status, delinqüência — se distinguem na abordagem desses tópicos quanto ao objeto formal. Diante do crítico problema da liberdade humana, ele adota uma posição favorável ao livre-arbítrio, fundamentado em Nuttin e Allport.

Muito sumariamente esta posição pode ser aqui indicada como aquela que indica que as ações humanas têm uma probabilidade de ocorrência maior ou menor em certas situações do que em outras. *Psicologia Social* tem sido o manual mais lido e estudado pelos psicólogos que estão se formando nas décadas de 70 e 80. Outra contribuição de Rodrigues para a formação dos psicólogos sociais brasileiros se encontra na publicação, em 1975, de outro livro seu, *A pesquisa experimental em Psicologia e Educação*. É bem sabido entre os docentes de Psicologia Social a dificuldade que encontram os estudantes quando após um

estudo geral dessa disciplina tentam passar para a realização de experimentos. O planejamento experimental pede um conhecimento razoável de estatística, operacionalização das variáveis, etc. Existia, nesta área, uma lacuna bibliográfica que veio ser preenchida por aquele livro. Agora, os estudantes de psicologia têm um manual que lhes permitirá a aproximação do problema de *experimental desing* sem os clássicos temores despertados por manuais de estatísticas preparados para outras áreas científicas que não a psicologia. Outra contribuição de Rodrigues encontra-se no seu texto *Aplicações da Psicologia Social*, onde indica como ela pode ser usada na escola, na clínica, nas organizações e na ação comunitária. Continua um entusiasta da tecnologia social de Varela que, como se sabe, tem uma abordagem reformista dos problemas sociais. Cabe ainda registrar que seguem uma orientação experimental dentro da Psicologia Social pesquisadores como Cílio Ziviani (Justiça Distributiva); José Augusto Dela Coleta (Teoria da Atribuição), Maria Alice d'Amorim, Álvaro Tamayo e Carlos Américo Pereira.

A Psicossociologia em Minas Gerais

Em Minas Gerais, graças ao trabalho de Pierre Weil no Banco da Lavoura, assistimos ao desenvolvimento de uma Psicossociologia na década de 50. Weil aqui chegou depois de desenvolver no SENAC do Rio de Janeiro uma pesquisa nacional sobre o nível mental da população brasileira, o famoso INV, numa amostra de 25.989 sujeitos. Ficou conhecida nacionalmente como uma pesquisa que marcou época. Quando veio para Minas redirecionou suas preocupações para o estudo dos grupos, com forte influência de Jacob Moreno, com o qual mantinha estreitas relações. Por isso quem passava pelo Banco da Lavoura, como eu, aprendia com Weil a sua Sociometria e participava, na Fazenda do Rosário, de Dinâmicas de Grupo que ele coordenava em sessões que começavam às 8 horas e iam até as 20 horas. Para Weil a sua psicossociologia, enquanto ele a fez, antes de tomar outros rumos na sua rica existência, foi sempre uma "ciência-charneira", isto é, um ponto de junção entre a psicologia e a sociologia por serem estas ciências "incapazes de sozinhas explicarem a integralidade das condutas humanas concretas".¹¹

A Escola de Treinamento do Banco da Lavoura, que posteriormente mudou-se do antigo Edifício do Banco da Lavoura na Praça 7 para a Pampulha, foi durante muitos anos um centro

11. Cf. J. Maisonneuve, *Introdução à Psicossociologia*, Trad. de Luiz D. Penna e J. B. Damasco Penna, São Paulo, Ed. Nacional, EDUSP, 1977, p. 2.

formador de psicossociólogos que ali trabalharam. Cito, entre outros, Célio Garcia, que esboçou um projeto de análise institucional para a UFMG, Ruy Flores, já falecido, Jarbas Portela. Célio Garcia tem tido junto às novas gerações de psicólogos sociais uma influência muito grande cabendo-lhe, em Minas, o mérito de ter encaminhado estudantes para uma Psicologia Social com preocupações críticas. Sua formação é basicamente francesa tendo recebido influência de Jean Stoetzel, Max Pagès e formado um grupo na "Association pour la Recherche e l'Intervention Psycho-Sociologique" (ARIP), de Pagès.

Quando regressou ao Brasil, em 1960, após passar 6 anos na França, Garcia trabalhou com grupos nas empresas. Sua área de interesse localiza-se no estudo do discurso. Hoje, na UFMG, nos trabalhos de Marília Matta Machado e Elizabeth Bonfim, especialmente no livro *Em Torno da Psicologia Social*, observa-se uma Psicologia Social com nítida preocupação crítica e ideológica (marxista?) comprometida com o projeto de construção de uma psicossociologia voltada para os problemas sociais do Povo brasileiro. Ela é também bem ampla na temática que estuda que vai dos temas clássicos a temas novos e provocantes. Bonfim e Matta Machado adotam um estilo que também varia do científico ao quase literário. Mas *Em torno da Psicologia Social* não é um texto para iniciantes. É para ser lido em cursos mais avançados que exigem do aluno uma base da Psicologia Social para melhor compreendê-lo.

Existe no Brasil uma Análise Experimental do Comportamento Social?

A AEC, graças ao trabalho de Fred Keller e Carolina M. Bori, primeiro na UnB, e depois na USP, desenvolveu-se extensamente no Brasil com a criação de centros em Ribeirão Preto, São Carlos e Piracicaba. Seu primeiro êxito se deve ao trabalho na área de Modificação do Comportamento. Cabe questionar se ela foi na direção do Social e em que medida. Em primeiro lugar, desde o manual de Zajonc, de orientação behaviorista, até o trabalho de alguns experimentalistas como Álvaro Pacheco Duran, da Universidade Federal de São Carlos, e Sylvio Boto-mé, observo uma rejeição desta atribuição a mais que se faz ao substantivo *psicologia*. Duran diz, por exemplo, que é uma nomeação "um tanto arbitraria e caótica que pode ter tido significado na história mas que, no momento, não parece apresen-

tar grandes vantagens". Para ele é necessário estudar o homem "num complexo sistema, de relações comportamentais". Em 1975, num artigo que escrevi para um simpósio da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto manifestei minha esperança de que a AEC fosse em direção ao Social, mesmo na área de pesquisa básica, seguindo a sugestão de Ulrich e Mountjoy feita numa obra clássica de 1972. Isto, contudo, não ocorreu. Se não prevaleceu o nome significando uma área específica observa-se, contudo, que o JABA relata, mensalmente, dezenas de pesquisas sociais onde é aplicada a metodologia da AEC. Os tópicos pesquisados vão desde comportamentos de cooperação em pequenos grupos até o estudo de comportamentos de multidões em estádios de futebol.

A Psicologia Social Marxista no Brasil

O estabelecimento de uma Psicologia Social Marxista tem apresentado para os estudiosos inúmeros problemas que não estão de todo superados, mesmo nas universidades do Leste Europeu. A Psicologia Social é, portanto, nos países comunistas uma disciplina que chegou enfrentando resistências do próprio *establishment* marxista. E por que isto? Hiebsch e Vorweg¹² apontam cinco razões que precisam ser consideradas e que são as seguintes:

1. Psicólogos e especialmente filósofos marxistas defendiam o ponto de vista que uma Psicologia Social marxista era idêntica ao materialismo histórico. Mas isto é uma confusão entre fundamento filosófico de uma disciplina e as questões que ela levanta como ciência particular;
2. Uma disciplina psicossociológica era dispensável porque toda pesquisa teria que demonstrar a determinabilidade social do fato psíquico e a disciplina seria, portanto, supérflua;
3. Pedagogos e psicólogos referiam que a problemática adequada a uma Psicologia Social marxista era idêntica à da teoria pedagógica de Marakenko, e logo não era necessária uma disciplina particular;
4. A Psicologia Social teria surgido a partir das necessidades da sociedade capitalista e serve consciente ou involuntariamente à conservação desta sociedade. Seria, portanto, um absurdo querer desenvolver uma tal ciência como disciplina marxista; e

12. H. Hiebsch; M. Vorweg, *Introdução à Psicologia Social Marxista*, trad. de João Alves Falcato, 1ª ed., Novo Curso Editores, Portugal, 1980.

5. Se há o reconhecimento da necessidade de uma Psicologia Social marxista espera-se e exige-se que ela chegue à solução de tarefas que no fundo pertencem ao foro de outras ciências: sociologia, ciência da organização, materialismo histórico, ciências pedagógicas etc. Pedir-se-ia que ela fosse a ciência da direção, enquanto ela é *uma* das ciências que fundamenta cientificamente a direção.

Segundo ainda aqueles autores estas resistências têm sido superadas paulatinamente, pelo menos na Alemanha Oriental. E é muito ilustrativo ver os tópicos que são trabalhados naquele país por uma Psicologia Social Marxista. Destaquei, entre outros, os seguintes: socialização na relação organismo-meio, sujeito-objeto, personalidade-sociedade; formas societárias nos animais, linguagem, cooperação, grupos, liderança etc.

No Brasil, a Psicologia Social Marxista desenvolve-se na Pontifícia Universidade Católica, graças ao trabalho de Sílvia Lane e um grupo de estudantes que fizeram Mestrado sob sua orientação. Expressão do seu trabalho, ainda que num nível de divulgação popular, é o seu texto *O que é Psicologia Social* que é mais um programa do que realmente um manual. Este texto junto ao *Psicologia social: o homem em movimento*, publicado em 1984, têm sido usados nos cursos de Psicologia Social com orientação marxista. Não posso, contudo, deixar de apontar a heterogeneidade de qualidade, profundidade e rigor do que ali se escreveu, mesmo se considerando a perspectiva marxista. Para mim a Psicologia Social Marxista no Brasil sofre de um erro de origem muito grave e que precisa ser sanado se se quiser, realmente, formar psicólogos sociais marxistas e não meros divulgadores da doutrina marxista com um discurso estereotipado. Sobre esta grave lacuna na formação destes psicólogos sociais e sobre alguns que adotam magicamente o marxismo, tenho dialogado com a filósofa Iray Carone, que está seriamente preocupada com os problemas epistemológicos da aplicação do marxismo na Psicologia Social. Este erro de origem é a falta de uma fundamentação filosófica séria que passe obrigatoriamente por Hegel e pela dialética em Platão, Aristóteles, no estoicismo, no século XII, em Kant, Hegel e Marx. Sem esta fundamentação, a Psicologia Social Marxista que está sendo feita no Brasil correrá o risco de ser mais paixão do que razão e como projeto intelectual estará fadada ao fracasso, apesar de sua aceitação por uma juventude generosa e repleta de desejos de transformar a sociedade brasileira.

Ante esse quadro complexo cabe-me, finalmente, colocar uma questão: está o psicólogo social preparado para compreender e

atuar sobre a complexa problemática que a sociedade brasileira lhe coloca? Se considero o Brasil-São Paulo, ao qual estou mais próximo, diria que ali o psicólogo social deveria se preparar para enfrentar os problemas de uma sociedade que entra na sua pós-modernidade. Quem chamou minha atenção para esta urgência foi o Prof. Hans Ulrich Gumbrecht, da Universidade de Siegen, Alemanha Ocidental.

Segundo ele existem no Brasil uma série de condições que caracterizam o Pós-Moderno e que são as seguintes: a) o fim dos grandes mitos, dos grandes modelos cosmológicos para explicar o mundo, das racionalizações, enfim, a descrença nos grandes sistemas, marxismo, freudismo, que funcionam apenas para uma parte da humanidade; b) a opacidade criada por uma TV que tecnologicamente é uma das mais avançadas do mundo atuando sobre mentalidades que estão muito atrasadas em relação às existentes na Europa, USA, Japão; c) sentimento de grande decepção que conduz a uma paralisia no campo das transformações políticas com a morte de um homem — Tancredo Neves — que alcançou a dimensão de um mito; e, finalmente, a pluralização dos mundos. Se aceita-se esta pós-modernidade dominando São Paulo e ilhas culturais no resto do país, o psicólogo social que ali trabalha deveria ter condições de enfrentar estes problemas.

Outra crítica que faço ao psicólogo social brasileiro é a de ter uma formação isolada, limitada aos cursos de Psicologia, sem interação com os Cursos de Sociologia, Ciências Sociais, História e Filosofia.

Com uma formação muito setorizada ele corre sério risco de se tornar uma figura anacrônica quando comparado aos especialistas de outras áreas das ciências sociais. Do meu ponto de vista, abertas naturalmente algumas honrosas exceções, ele faz mal e superficialmente o papel tanto de um psicólogo social científico como um psicólogo social de orientação marxista. Ele desconhece tanto a metodologia científica como a dialética materialista. Em ambos os campos ele passa a *vol d'oiseaux*. Acredito que nunca chegaremos à sofisticação experimental e ao domínio de técnicas estatísticas que tanto caracterizam a Psicologia Social americana. É conhecida nos cursos de Psicologia a clássica ojeriza à matemática que é, sem dúvida alguma, a base sobre a qual se desenvolve uma estatística que não seja limitada ao quadrado, o teste, por excelência, dos psicólogos.

Se é difícil formar um psicólogo social científico, muito mais difícil é a formação de um orientando dialético-marxisticamente. A psicologia, e mesmo a psicanálise, têm uma longa história de

13. Cf. Rhamanin in T. Bottomore, (Ed.) *Dicionário do Pensamento Marxista*, Trad. de Waltensir Dutra, Zahar Editores, 1988.

14. H. C. Lima Vaz, *Escritos de Filosofia, II: Ética e Cultura*, São Paulo, Ed. Loyola, 1988, p. 247.

conflitos e mal-entendidos com o marxismo. Chega, hoje, a ser cômica aquela advertência que Lênin fez aos comunistas que os psicanalistas ficavam escarafunchando assuntos sexuais e que isto era uma prática burguesa.¹³ Com relação à Psicologia Social Marxista os problemas que indiquei anteriormente não foram de todo solucionados. É também conhecida a insuficiente — para não dizer nula — formação filosófica dos alunos de psicologia que vão em direção ao marxismo. O anacronismo que pode ocorrer é que eles quando começarem a entender o marxismo, ele, o marxismo já tenha também sido superado como teoria. A este respeito vale a pena transcrever as lúcidas palavras de Henrique Vaz, um filósofo da História, e, provavelmente um dos mais seguros conhecedores do marxismo e do hegelianismo em nosso meio. Diz ele: “O declínio atual do prestígio das grandes ideologias, num clima essencialmente pragmático de planificação e competição, no qual a coexistência pacífica é essencial ao êxito de projetos tecnocráticos de âmbito mundial, arrasta consigo a visão da História como unitário e majestoso processo onde as *astúcias da Razão*, para falar como Hegel, não permitem momentâneos desvios senão para impor, mais implacável e dominadora, a presença do Fim. A História, hoje, parece retornar às *intrigas sublunares*, e tornar-se apenas história ou histórias de...”¹⁴

Sou, portanto, um crítico destas duas tendências que polarizam a Psicologia Social no Brasil. Vejo, tanto entre os experimentalistas, como entre os *soi-disant* marxistas, aspectos altamente positivos nas suas abordagens. Da Psicologia Social Experimental considero altamente necessário o controle, a quantificação e a pluralidade de teorias que surgiram exclusivamente dentro das grandes teorias que ainda dominam a Psicologia. Já dos psicólogos sociais marxistas considero importante a relação que fazem dos problemas psicossociais com a sociedade em geral e o momento histórico. Temo, contudo, que esta Psicologia Social submetida ao projeto revolucionário de criação de uma nova sociedade possa cair no dogmatismo e ficar, portanto, cega aos novos problemas e à complexidade da realidade. Evidentemente não privilegio o marxismo como sendo a ciência ou a chave que abre todas as portas. Para mim é um instrumento de análise e ocupa, hoje, a mesma hegemonia que a escolástica ocupou na Idade Média. O marxismo é, portanto, a escolástica dos tempos modernos.

Finalmente, desejo mais do que espero — parodiando Morus — que algum dia surja em nosso meio um psicólogo social que possa integrar estas duas psicologias sociais. Quem sabe e aí, então, não estará nascendo uma Psicologia Social Brasileira?

Outras referências bibliográficas

ANGELINI, A. L. *Motivação Humana: O Motivo de Realização*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

BONFIM, E.; MATTA MACHADO, M. N. *Em Torno da Psicologia Social*, Belo Horizonte, Publicações Autônoma, 1987.

BOSI, E. *Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de Operárias*, 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1977.

DURAN, A. P. "Psicologia Social: entre a microscopia e a macroscopia do Social" in *Cadernos de Análise do Comportamento* 5 (1983): 53-61.

ENGELMANN, A. *Os Estados Subjetivos: Uma tentativa de classificação dos seus Relatos Verbais*, São Paulo, Editora Ática, 1978.

KLINEBERG, O. *Psicologia Social*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 2ª ed., 1963, 2 vols.

LANE, S. *O que é Psicologia Social*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1981.

LANE, S. et alii. *Psicologia Social: o homem em movimento*, São Paulo. Ed. Brasileira, 1984.

RAMOS, A. *Introdução à Psicologia Social*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1952.

RODRIGUES, A. *Psicologia Social*, 11ª ed. revista e atualizada, Petrópolis, Vozes, 1986.

_____. *A Pesquisa Experimental em Psicologia e Educação*, Petrópolis, Vozes, 1975.

_____. *Aplicações da Psicologia Social: à escola, à clínica, às organizações, à ação comunitária*, Petrópolis, Vozes, 1981.

SÍNTESE NOVA FASE
47(1989): 51-66

Endereço do autor:

Departamento de Psicologia

Campus Umuarama

Universidade Federal de Uberlândia

38400 — Uberlândia — MG